

ESTUDO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL NA POLÍCIA MILITAR DO DISTRITO FEDERAL

Thiago Gomes Nascimento ¹

Daniele Alcântara Nascimento ²

RESUMO

Este artigo representa o resultado da pesquisa que teve o objetivo de verificar quais são os fatores constitutivos da identidade do policial militar do Distrito Federal. Para tanto foi utilizado o método qualitativo, cujos dados, obtidos através de entrevistas não-estruturadas, foram analisados, e os discursos dos doze policiais (soldados, cabos e sargentos) participantes da pesquisa que permitiram compreender o universo das significações das identidades construídas pelos policiais militares, resultando em quatro eixos temáticos, representando os aspectos formadores da identidade policial, quais sejam: (1) Cultura Organizacional; (2) Desígnio Profissional; (3) Instituição e Trabalho; e (4) Relações Sociais. Estes resultados são interpretados com base na Teoria da Identidade Social, na Teoria das Representações Sociais e em pesquisas já realizadas na literatura psicológica e sociológica nacional e internacional.

Palavras chave: Polícia Militar, identidade profissional, representações sociais.

¹ Thiago Gomes Nascimento – 2º TEN QOPM / PMDF –

Mestrando em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações da Universidade de Brasília; Especialista em Segurança Pública e Cidadania pela Universidade de Brasília; Especialista em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas; Bacharel em Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar de Brasília. Oficial da Polícia Militar do Distrito Federal. E-mail: thiunb@gmail.com

² Daniele Alcântara Nascimento - 2º TEN QOPM / PMDF . Mestrando em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações da Universidade de Brasília; Especialista em Segurança Pública e Cidadania pela Universidade de Brasília; Especialista em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas; Bacharel em Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar de Brasília. Oficial da Polícia Militar do Distrito Federal. E-mail: – thiunb@gmail.com.

ABSTRACT

This article represents the result of the research pilot who had the objective to verify which is the constitutive factors of the identity of the military policeman of the Federal District. For that was used the qualitative method, whose data, obtained through not-structuralized interviews, and the speeches of the twelve policemen (soldiers, corporals and sergeants) participant of the research had been analyzed and allowed to understand the universe of the identity meanings constructed by the military policemen, resulting in four thematic axis, representing the aspects to fall in the police identity, which are: (1) Organizational Culture; (2) Professional Design; (3) Institution and Work; and (4) Social Relations. These results are interpreted based in the social identity theory, social representation theory, and research already realized in national and international psychological and sociological literature.

Key words: Military Policy, professional identity, social representations.

I. INTRODUÇÃO

Quando pensamos na construção da identidade enquanto processo histórico, o que podemos perceber na atualidade é a relevância do tema em segurança pública, havendo intensas discussões entre toda a sociedade, que busca alternativas e soluções para atenuar ou mesmo resolver os problemas decorrentes da falta de uma identidade reconhecida como tal.

Um dos motivos para a atual precariedade da segurança pública é a falta de políticas públicas e de investimentos no setor, que durante muito tempo ficou à margem das prioridades estipuladas pelos governantes. Quando se pensava em segurança pública, o que se via era o incremento no número de viaturas, contratação de mais policiais e equipamentos, não se buscando uma melhor qualificação nem, tão pouco, neste contexto, olhava-se para os policiais, atores protagonistas da paz social, atuando na sociedade, como verdadeiros protetores dos direitos coletivos e individuais.

De maneira geral, pode-se dizer que as polícias têm recebido somente agora atenção especial das ciências sociais. A partir da politização da atividade policial, seu exercício passa a ser considerado relevante, significa dizer, a polícia é inserida definitivamente na esfera do poder, como parte e formadora dele. Diante disto, a forma de atuação da polícia, seja na repressão ou no controle da criminalidade, é primordial para se entender o regime político de um Estado e a sua forma de exercer o controle social.

Entretanto, não é só na segurança que se corre o risco de se deixar de lado o policial enquanto indivíduo, e este fenômeno pode ser vislumbrado, inclusive, no fazer científico, que significou, durante muito tempo, quantificar os dados da realidade, garantir a generalidade e a objetividade do conhecimento.

No afã da universalidade do saber científico, do cognoscível como representação do real, excluía-se o sujeito do conhecimento, sua subjetividade, seus condicionamentos históricos sociais (TEVES, 2002, p. 53). Mesmo nas ciências sociais, as questões metodológicas foram baseadas pelo paradigma do cientificismo, devendo ser seguido por todas as ciências, sob pena de não ser reconhecida pela comunidade científica.

II. REPRESENTAÇÕES: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Hoje, não se pode pensar em segurança pública sem olhar para seus atores. Deve-se conhecer seu *habitus*, conforme nos ensina Bourdieu, sendo este conceito aqui compreendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funcionam a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Segundo Giddens (2002), vive-se em um mundo descontextualizado cujos espaços de convivências e integração, tanto materiais como simbólicos, não se reduzem ao aqui e ao agora. Em uma situação de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida cotidiana.

A análise desse novo cenário gera a necessidade da reformulação do conceito de confiança, passando a ter dois sentidos: aquele preso a uma rotinização, aos aspectos familiares de ajuste, e aquele que remete aos sistemas peritos, que é definido como um conjunto de práticas e conhecimentos fundamentados em áreas de especialização profissionais.

Com isso, muitas das decisões individuais se pautam segundo critérios que foram decididos e organizados por círculos distantes. A especificidade e a técnica dos conhecimentos de várias ordens estão permeando as ações, opções e práticas. A conduta passa a ser baseada em conhecimentos com origem em discussões das quais os sujeitos não participam e nem teriam condições de participar. Estes estão em um nível de elaboração em que, como leigos, não poderiam contribuir. Apenas assumem e respeitam a legitimidade que esses sistemas adquirem na sociedade.

Nesse sentido, o caráter transitório dos conhecimentos é um elemento chave para a reflexão sobre o conceito de *habitus*, o processo de socialização e a construção das identidades individuais. Vive-se em um mundo com uma variedade crescente de instituições produtoras e promotoras de saberes, valores e comportamentos. Observa-se como fato o ritmo das mudanças tecnológicas, o questionamento das instâncias de referências e as transformações na construção das experiências individuais.

É necessário realizar uma reflexão a partir da idéia de institucionalização, que significa explicar como as estruturas organizacionais estabelecidas moldaram as identidades dos indivíduos; no caso damos destaque aqui à polícia. Logo, cabe salientar a influência das relações horizontais e verticais entre os policiais, sendo que o aprofundamento vertical se refere à extensão na qual a estrutura institucional define as identidades dos atores individuais. Esse aprofundamento depende, ainda, das relações sociais existentes entre a instituição e os indivíduos. Além do mais, a identidade é diretamente relacionada com a posição que o indivíduo ocupa na instituição. As relações horizontais dizem respeito às interações entre práticas institucionalizadas com outras instituições num contexto político e social, considerando que, ao pensarmos em identidade, passamos pela avaliação positiva da própria identidade, num julgamento positivo das categorias sociais às quais se pertence.

A partir dessa análise é necessário buscar uma teoria para se estudar como se insere o policial no contexto de relações sociais, buscando-se entender como se constrói a identidade desse profissional, que é parte da sociedade. Com efeito, esta proposta de pesquisa se distingue pela tentativa de explicitar a realidade dos policiais militares no tocante à sua formação cultural e social; já que podemos pensar identidade como um sistema de sentimentos e representações de si, isto é, um conjunto de características físicas, psicológicas, morais, jurídicas, sociais e culturais, a partir das quais a pessoa pode se definir, se conhecer, ou a partir das quais outro pode defini-la, situá-la ou reconhecê-la. Estas são as características, integradas, que evidenciam as noções de semelhança e diferença entre os indivíduos humanos.

A partir da definição de Identidade Social como sendo “a consciência que o indivíduo tem de pertencer a determinado grupo social juntamente com a significância avaliativa e emocional dessa pertença social” (TAJFEL, 1981, p. 255), podemos identificar o processo de construção da identidade policial profissional, pois se sugere que a medida de identidade

profissional também apresente uma estrutura tri-fatorial, semelhante à estrutura das medidas de identidade social.

A teoria da identidade social, considerada como a teoria mais importante no quadro atual dos modelos sobre as relações intergrupais em psicologia social (AMÂNCIO, 1993), parte da ligação entre três conceitos fundamentais: categorização social, identidade social e comparação social.

A categorização social é concebida como um instrumento que segmenta, classifica e ordena o ambiente social, servindo também como um sistema de orientação que ajuda a criar e definir o lugar do indivíduo na sociedade.

Na acepção de Tajfel (1981), a identidade social de um indivíduo é ligada ao conhecimento da sua pertença a certos grupos sociais e o significado emocional e avaliativo que resulta dessa pertença.

Comparação social ou grupo social significa dois ou mais indivíduos que compartilham uma identificação social comum, que percebem a si mesmos como pertencendo à mesma categoria social.

Assim, a identidade se afirma na medida em que o indivíduo se percebe como ator, lugar e fonte das ações e obras. Ela se institui como valor – é no reconhecimento pelo outro que o sujeito se desenvolve. Podem-se levantar fatores motivadores, que influenciam não só o comprometimento com a instituição, como também o melhor desenvolvimento das suas tarefas, no que diz respeito ao atendimento à sociedade.

Na acepção de Tajfel, a identidade social de um indivíduo é ligada ao conhecimento da sua pertença a certos grupos sociais e o significado emocional e avaliativo que resulta desta pertença (TAJFEL, 1972, p. 292). Assim, um indivíduo se define a si próprio e define os outros em função do seu lugar num sistema de categorias sociais.

Esta teoria estipula, ainda, que os indivíduos procuram construir uma identidade social positiva mediante comparações entre o seu grupo e o grupo dos outros, sendo estas comparações baseadas em dimensões associadas a valores sociais dominantes e conduzindo ao favoritismo pelo grupo de pertença; a tendência para favorecer o grupo de pertença relativamente ao grupo dos outros (BREWER, 1979; TAJEFL e TURNER, 1979).

Ao reconhecer os fatores formadores da identidade profissional do policial militar, podem-se levantar os eixos temáticos que influenciam o comprometimento com a instituição e o melhor desenvolvimento das suas tarefas.

Conforme esclarece Arias (2002), o debate atual nas ciências sociais diz respeito aos conceitos de identidade e cultura, que algumas vezes são tratados como sinônimos. Esses conceitos se encontram extremamente relacionados, entretanto não podem ser confundidos, sob pena de se reduzir a realidade. Cultura e Identidade não são a mesma coisa; sem embargo, vale ter presente que culturas e identidades são representações simbólicas socialmente construídas.

Construídas significa que não são fenômenos “naturais” nem arbitrários, mas, produtos de um processo sócio-histórico de criação constante, de ações sociais e de sujeitos sociais concretos. A Cultura, como construção simbólica da *praxis* social, é uma realidade objetiva que tem permitido a um grupo ou indivíduo chegar a ser o que é. A Identidade é um discurso que nos permite dizer “eu sou, nós somos isto”, mas que só se pode constituir a partir da cultura.

Disso resulta que Cultura e Identidade são conceitos diferentes, pois não é o mesmo “ser” que “dizer o que é”. A Identidade, portanto, é uma construção discursiva: todo discurso é, em termos gerais, dizer algo sobre algo. Quando falamos de nossa identidade, quando dizemos “eu sou” ou “nós somos”, estamos construindo um discurso que mostra nossa pertença, que por sua vez nos diferencia, que só pode se sustentar sobre algo concreto; a

cultura é uma construção especificamente humana que se expressa através de todos os universos simbólicos e de sentido socialmente compartilhados.

A Identidade, enquanto representação simbólica do mundo social, em relação tanto à nossa mesmidade ou a outridade, é dizer com relação às representações que temos sobre nós e sobre os outros, evidenciando características da identidade, sendo distintiva ou diferencial.

- ✓ A posição social resultante de sua representação se define por sua pertença e distinção ou diferença em relação aos outros atores sociais e das representações e posições que estes tenham.
- ✓ A identidade não é uma construção social estática, mas sim sujeita a uma dialética contínua de construção e desconstrução, que requer a continuidade no tempo. Já sem essa percepção de continuidade do tempo, a identidade terminaria se fragmentando e seria difícil se reconhecer como parte do que somos e do que nos é próprio: as ações do passado.
- ✓ Requer reconhecimento social: possibilita a legitimação da sociedade.
- ✓ São construções dialéticas carregadas de historicidade: o que garante o caráter mutante; não são estáticas, fixas, imutáveis ou eternas, são configurações variáveis resultantes de conflitos e lutas historicamente situadas.
- ✓ São uma construção discursiva.

- ✓ São fonte de sentido de um grupo. Representam a maneira com que um grupo valora as diversas dimensões de se ser e estar no mundo, na vida.

As identidades são múltiplas e diferenciadas: A identidade não é única, monotópica ou unidimensional, ao contrário, é diversa, pluritópica, multidimensional; sua construção, como todo feito social, está sujeita a razões multicausais e multifatoriais. Por essa razão não podemos falar em identidade, mas em identidades, posto que essas são múltiplas, fragmentadas e variadas. São múltiplas porque cada indivíduo contém simultaneamente várias identidades como parte de seu “ser”; fragmentadas porque cada identidade nos vincula com outro conjunto de atores sociais que ocupam diversos espaços sociais e geográficos; diferenciadas porque faz sentir que somos parte de um conjunto maior, permite-nos afirmar nossas próprias especificidades, que nos diferenciam dos outros e nos ajudam a nos reconhecer (ARIAS, 2002).

III. MÉTODO

3.1. Delineamento e participantes

No que se refere à investigação do problema, utilizamos um estudo de campo: entrevista para levantamento de características da atividade do policial militar. Somando-se a isso, uma pesquisa teórica para se solidificar a argumentação de todo o projeto.

Participaram do estudo como entrevistados uma amostra de doze policias de algumas unidades da Polícia Militar: um cabo e um soldado do Batalhão de Operações Especiais (BOPE), do Batalhão de Trânsito (BPTRAN), do Grupamento de Rondas Ostensivas Táticas Motorizadas (ROTAM) e do Primeiro Batalhão de Polícia Militar (1º BPM); ademais, foram

entrevistados um sargento e um soldado do Terceiro Batalhão de Polícia Militar (3º BPM) e do Quinto Batalhão de Polícia Militar (5º BPM), totalizando doze entrevistas (n=12).

3.2.Procedimento

O procedimento consistiu em buscar policiais de diferentes Unidades Policiais Militares (UPMs), divididos entre os que apresentam capacitação diferenciada para realizar atividades específicas, como é o caso do BOPE, da ROTAM, do BPTRAN e do 5º BPM, e os policiais de unidades que não realizam serviços específicos, caso do 1º BPM e do 3º BPM. Restringiu-se a amostra aos soldados, cabos e sargentos. A aplicação do instrumento se deu de maneira individual, em local onde não houvesse interrupção das entrevistas, sendo estas realizadas em conjunto pelos dois auxiliares de pesquisa. Aos participantes foram realizadas perguntas abertas sobre suas atividades profissionais cotidianas, suas relações sociais, suas demandas, as barreiras e fatores motivacionais da profissão. Ao finalizar a tarefa, foram dirigidos os agradecimentos de praxe pela colaboração voluntária dos participantes.

3.3.Instrumento

O percurso metodológico traçado para a realização deste trabalho foi fundamentado nos princípios construídos, a partir das referências bibliográficas, a respeito das abordagens qualitativas em psicologia, identificando-se possíveis desdobramentos na prática dos serviços dos policiais militares que foram contatados para o levantamento dos dados neste processo. Em virtude disso, o método que conduziu a etapa piloto do estudo, então, foi o qualitativo. Conforme nos esclarece Günther (2006), quando analisamos a ótica das ciências sociais, existem três aproximações para se compreender o comportamento e os estados subjetivos.

Utilizamos a forma, que consiste em perguntar às pessoas sobre seus comportamentos, sobre seus estados subjetivos, o que fazem e fizeram, o que pensam e pensaram. No que se refere à investigação do problema, utilizamos um estudo de campo, onde fizemos uso de fontes de informação empírica, através de entrevistas não-estruturadas junto aos policiais militares do Distrito Federal, pois a entrevista tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema. O instrumento elaborado para esta pesquisa visa verificar as interpretações dos participantes acerca de sua atividade profissional, com o objetivo de se levantar os eixos temáticos que formam sua identidade profissional.

As questões foram voltadas para responder de forma coerente os anseios desta pesquisa, que visa, antes de qualquer coisa, a saber como o policial pensa a polícia e como ele se reconhece como pertencente à instituição.

3.4. Análise dos dados

Os dados coletados a partir das entrevistas, algumas transcritas e outras provenientes dos apontamentos realizados pelos auxiliares de pesquisa, logo após sua realização, geraram itens que foram analisados e categorizados em eixos temáticos. Ocupamo-nos essencialmente dos temas em sua frequência. Nosso objetivo era identificar valores, ritos, processo de socialização, escolha profissional, enfim, os processos de construção da identidade do policial militar.

Em uma primeira fase foi realizada a leitura e transcrição das falas, momento em que se destacaram pontos considerados relevantes não só em termos de conteúdo formal das entrevistas, mas também foram retratados pelos assistentes de pesquisas os gestos, lapsos, interrupções, atos de fala, olhares, percepções da relação inter-subjetiva entre pesquisadores-sujeitos. Na fase de categorização se buscou organizar e agrupar os dados obtidos nas

entrevistas, seguindo-se para a última fase de interpretação onde se realizou o cruzamento dos dados obtidos com os pressupostos teóricos, sustentáculos do trabalho. Buscou-se entender qual o sentido dado pelo sujeito policial militar à sua configuração de identidade, pois as interações humanas, sejam entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações (MOSCOVICI, 2007, p. 40).

IV. RESULTADOS

A análise das entrevistas buscou exprimir a interpretação feita pelos policiais quanto ao que seja identidade e ao seu processo de construção. Os conteúdos das entrevistas foram agrupados em quatro eixos temáticos: (1) Cultura Organizacional; (2) Desígnio Profissional; (3) Instituição e Trabalho; e (4) Relações Sociais.

Verificou-se que no aspecto relacionado à cultura organizacional, os policiais reconhecem a Polícia Militar como uma instituição forte, suprimindo quase que totalmente as necessidades de seus integrantes, permitindo o seu crescimento pessoal e profissional, mesmo havendo algumas divergências entre os entrevistados. A polícia é vista como algo que iguala, uniformiza.

O que reforça o que foi dito por Motta (1981), quando afirmou que no processo de adestramento nos quartéis “as diferenças individuais são reduzidas ao mínimo”. Com relação aos aspectos da cultura organizacional da Polícia Militar, destacamos a maneira perante a qual o policial se enxerga em oposição àquele que não enverga a farda, ou seja, o cidadão civil, alcunhado por termos pejorativos como “paisano”, tido como pessoas “folgadas”, que se esquivam do trabalho, das obrigações e deveres. Logo, o policial militar, representante da lei, deve se afastar dessa ameaça. Entretanto é percebida uma mudança na percepção da polícia

em relação à sociedade; se a separação entre os universos dos civis e dos militares no passado foi exacerbada, hoje já não faz mais sentido.

Quando perguntamos sobre a Polícia Militar, os entrevistados responderam da seguinte forma:

- ✓ “É uma Instituição muito forte”. (entrevista cabo ROTAM)
- ✓ “A PM significa proteção para os indivíduos, para a sociedade como um todo”.
(entrevista soldado BOPE)
- ✓ “Me identifico muito com a PM, é minha profissão, minha vida”. (entrevista soldado Batalhão de Trânsito)

Quando perguntamos sobre a rotina da Polícia Militar, os entrevistados responderam da seguinte forma:

- ✓ “Alguns policiais entram com a ilusão de que a Polícia Militar é um paraíso, porém não é uma boa visão para se entrar”. (entrevista Sargento 5º BPM)
- ✓ “Faço um pouco de tudo: dirijo viatura, cuido das armas, etc”. (entrevista soldado 5º BPM)

O sentimento de identificação com a Instituição está presente no discurso dos entrevistados, o que reflete a influência da Polícia na construção da identidade desses profissionais, já que essa instituição é que supre praticamente todas as necessidades de seus integrantes, permitindo o crescimento profissional de cada um. Também é vista como algo que iguala os indivíduos do grupo, o que demonstra o sentimento de pertencimento a um grupo social.

- ✓ “A farda me diferencia das outras pessoas, eu consigo reconhecer outro policial militar pela farda e ele também me reconhece, acho que isso define nossa Corporação”. (entrevista sargento 3º BPM)
- ✓ “A farda é como um símbolo. Ela me mostra para a sociedade. A sociedade me reconhece como policial pela minha farda”. (entrevista soldado do 3º BPM)

Conforme nos esclarece Moscovici (2007, p. 39), os ganhos e perdas culturais estão relacionados a fragmentos de representações sociais:

Uma vez constituído e aceito este conteúdo, ele se constitui em uma parte integrante de nós mesmos, de nossas inter-relações com outros, de nossa maneira de julgá-los e de nos relacionarmos com eles; isso até mesmo define nossa posição hierárquica social e nossos valores.

Ao se reconhecer o desígnio profissional, nota-se que a análise preliminar dos dados permitiu a verificação de que os policiais ingressaram na polícia em virtude da estabilidade socioeconômica, sendo esta a primeira característica encontrada. As entrevistas mostraram que muitas vezes essa escolha nem sempre se deu por verdadeira vocação, mas sim por necessidade econômica ou pela estabilidade do emprego, o que não impede o policial de aprender a “gostar” da Instituição e do trabalho por ela desenvolvido.

- ✓ “Vim a Brasília em busca de emprego, fiz o concurso. Hoje me identifico com a profissão e gosto muito”. (entrevista cabo 1º BPM)
- ✓ “Entrei na Polícia Militar por estar desempregado na época do concurso. Mas hoje não tenho como não gostar da PM e da minha profissão”. (entrevista sargento 5º BPM)

Como a coleta se diferenciou entre policiais que apresentavam uma capacitação diferenciada para a realização de sua atividade e aqueles que não apresentavam tal capacitação, foi possível verificar, ao se analisar a instituição e o trabalho, como os anseios por treinamento e capacitação são encarados por estes atores.

- ✓ “Somos a tropa de elite da polícia, aqui no BOPE nosso treinamento é diferenciado, agimos quando não há mais recurso, aí nos chamam e resolvemos o problema”. (entrevista soldado BOPE)
- ✓ “Treinamos muito, hoje temos munições e vários cursos, mas não foi sempre assim, já tive que pagar do meu bolso para me aperfeiçoar, hoje as coisas estão mudando”. (entrevista cabo ROTAM)
- ✓ “Aqui realizamos um treinamento diferenciado das outras unidades, pois lidamos com a segurança das embaixadas”. (entrevista sargento 5º BPM)

- ✓ “Percebo a necessidade de treinamento mais aprimorado na parte de tiro e na parte psicológica”. (entrevista soldado 5º BPM)
- ✓ “Aqui quase não treinamos ou fazemos cursos, eu mesmo só dei tiro no curso de formação, depois, nunca mais”. (entrevista soldado 1º BPM)

Conforme ressalta Almeida (*apud* JODELET, 1989) as representações são importantes porque elas nos fornecem elementos que nos permitem compreender o mundo, gerenciá-lo e mesmo enfrentá-lo. Elas são importantes na medida em que “nos guiam na forma de nomear e definir juntos os diferentes aspectos de nossa realidade de todos os dias” (*op. cit*, 1989, p. 31).

Outra característica observada foi a diferenciação interna entre os policiais que trabalham na rua, atividade-fim, e aqueles que trabalham na parte administrativa, atividade-meio, sendo clara a caracterização dos que trabalham na rua como os verdadeiros policiais. O caráter multifacetado da atividade também é uma característica evidente, já que os policiais desenvolvem diversas atividades.

- ✓ “Atualmente, trabalho na secretaria, na parte administrativa, mexo com a papelada, mas já trabalhei na rua”. (entrevista sargento 5º BPM)
- ✓ “Sou policial, e policial de verdade trabalha na rua, combatendo a criminalidade e a bandidagem”. (entrevista cabo ROTAM)

É clara a dicotomia que os próprios policiais fazem sobre seu trabalho, ou melhor, sobre as atividades que desempenham.

Esses exemplos mostram como cada experiência é somada a uma realidade predeterminada por convenções, que claramente define suas fronteiras, distingue mensagens significantes de mensagens não-significantes e que liga cada parte a um todo e coloca cada pessoa em uma categoria distinta (MOSCOVICI, 2007, p. 33).

Fica evidente a influência das relações sociais dentro e fora do ambiente de trabalho, estando essas relações praticamente restritas aos policiais, dificultando a entrada de pessoas não pertencentes à profissão. Outro aspecto que envolve essas relações está intimamente ligado ao trato entre superiores e subordinados, existindo várias queixas por parte dos subordinados de que não são reconhecidos pelas atividades executadas, não havendo em seu trabalho, em alguns casos, qualquer tipo de reforço ou mérito pelas atividades desempenhadas.

- ✓ “Antes não existia muito elogio na execução das tarefas. Hoje, principalmente com a chegada de novos oficiais, existe elogio”. (entrevista cabo BPTRAN)
- ✓ “Às vezes, recebemos ordens diferentes de oficiais, aí não sabemos qual obedecer, às vezes somos até punidos por não fazer o que mandaram, mas nem eles chegavam a um acordo”. (entrevista cabo BOPE)
- ✓ “Bom, eu costumo ter meu trabalho elogiado, mas eu trabalho direto com os oficiais, ao contrário dos policiais que trabalham na rua por terem menos contato com seus supervisores”. (entrevista sargento 5º BPM)

O que acabamos de constatar é reafirmado por Bittner (2003, p. 300), que trata da crença de que praticamente ninguém pode ser capaz de realizar esse tipo de atividade:

Recrutamos pessoas com inteligência mais ou menos mediana, com aspiração de média para baixa, e com absolutamente nenhuma preparação anterior para o trabalho, exceto a que está contida na afirmação, muito difundida, de que um policial precisa estar imbuído de ‘virtudes varonis’. E damos a entender a esses recrutas que não se considera ser assunto de grande importância os seus trabalhos serem bem ou mal realizados, desde que o trabalho bem feito venha a ser recompensado assim como um trabalho mal feito venha a receber punição.

As reações aos acontecimentos, aliadas às respostas que damos aos estímulos, estão relacionadas a determinadas definições comuns a todos os membros de uma comunidade à qual pertencemos. A intervenção das representações sociais no orienta em direção ao que é visível, como aquilo que nós temos que responder, ou relacionam a aparência à realidade (MOSCOVICI, 2007, p. 31).

V. CONCLUSÃO

As reflexões sobre a polícia e seus representantes é uma área que merece ainda muitos estudos numa perspectiva psicossocial. No transcurso das entrevistas foi possível perceber que os sujeitos policiais se mostram conscientes de que o poder que a profissão lhes faculta está relacionado ao lugar que ocupam e que, apesar de ser fator facilitador em algumas ocasiões, acaba por restringi-los em outras, tal é o caso de policiais que hoje escondem sua identidade, já que os mantém mais expostos. É nesta exposição que pode residir a garantia da sociedade em termos de limitar os excessos que venham a ser cometidos por esses profissionais. Os sujeitos da pesquisa são vistos como servidores da sociedade, protetores dos cidadãos e dos colegas de profissão, o que concerne o chamado “espírito de corpo” entre os atores da Instituição Policial Militar.

O trabalho buscou evidenciar os fatores que interferem e influenciam na construção da identidade do policial militar. Os policiais se representam, de certa forma, como super-heróis, devido à pluralidade das atividades desempenhadas. A composição desse sujeito passa por aspectos tais como falta de reconhecimento, discriminação, desvalorização e estigma, assim, só recentemente esse ator se reconheceu como um ser que tem desejos.

Uma das propriedades fundamentais da identidade, como já foi mencionado, é o seu caráter contrastivo e seu teor de oposição, que possibilita a afirmação de um grupo em relação a outros. Assim, a identidade se afirma na medida em que o indivíduo se percebe como ator, lugar e fonte das ações e obras. Ela se institui como valor, sendo no reconhecimento pelo outro que o sujeito se desenvolve.

O policial, ao ter a consciência da pertença social, pautado por códigos de conduta bem definidos, reconhecendo sua atividade como importante para o controle social e para a manutenção de um Estado Democrático, garantirá uma relação mais próxima com a sociedade, que influenciará não só no comprometimento com a instituição, como também no melhor desenvolvimento das suas tarefas, no que diz respeito ao atendimento à sociedade.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, L. **Identidade social e relações intergrupais**. Em: J. Vala e M. B. Monteiro (Orgs.). Psicologia Social, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

ALMEIDA, Geraldo José de. Em: M. F. S. Santos e L. M. Almeida (Orgs.). **Diálogos com a teoria da representação social**. Ed. Universitária da UFPE, 2005.

ARIAS, P. G. **La Cultura. Estrategias conceptuales para entender la identidad, la diversidad, la alteridad y la diferencia**. Quito: Abya-Yala, 2002.

BAUMAN, Z. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. (C. A. Medeiros, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

BITTNER, Ergon. **Aspectos do Trabalho Policial**. Trad. Ana Luísa Amêndola Pinheiro. São Paulo: Edusp, 2003.

BOBBIO, N, NICOLA, M, GIANFRANCO, N. **Dicionário de Política**. 12. ed. P. Trad. Carmem C. Varriale. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 11. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BREWER, M. B. **The role of ethnocentrism in intergroup conflict**. Em: W. G. Austin e S. Worchel (Orgs.). *The Social Psychology of Intergroup Relations*, Monterey, California, Brooks/Cole, 1979.

COSER, Lewis. **The Bridling of Affect and Refinement of Manners in Contemporary Sociology**. Free Press, July 1978.

COSTA, Arthur T. M. **Entre a lei e a ordem: violência e reforma nas polícias do Rio de Janeiro e Nova York**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 4. ed. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Nacional, 1966.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. **The Constitution of Society: Outline of Theory of Structuration**. Cambridge; Polity Press, 1984.

GREENE, Jack R. (org.) **Administração do Trabalho Policial**.

GÜNTHER, H. [Auto]-avaliação de um relato ou projeto de pesquisa. **Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais**. n. 06. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003.

_____. Como elaborar um relato de pesquisa. **Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais**. n. 02. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2004.

_____. Pesquisa qualitativa v. pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia. Teoria e pesquisa**, 22, 201 – 209, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JACQUES, M.G. C. et.al. **Psicologia Social Contemporânea**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LARAIA, R. B. **Cultura Um Conceito Antropológico**. 12. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MARVIN, Harris. **Antropologia Cultural**. Alianza: 1969.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A história dos homens (A ideologia alemã)**. In: FERNANDES, Florestan. Marx/Engels: história. São Paulo: Ática, 1983.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 6. ed. 5ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

MELLO, Luís Gonzaga de. **Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MICHAUD, Yves. **A Violência**. 1. ed. Trad. L. Garcia. São Paulo: Ática, 2001.

MONJARDET, D. **O que faz a polícia**. São Paulo: Edusp, 2003.

MONET, J.C. **Polícias e sociedades na Europa**. São Paulo: Edusp, 2001.

MONTEIRO, M. B., Lima, M. L. e Vala, J. Identidade social: um conceito chave ou uma panacéia universal? **Sociologia – Problemas e Práticas**, (9), 107-120, 1991.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. 5. ed. Trad. P. A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NASCIMENTO, Thiago Gomes. Cultura, Indivíduo e Sociedade: A dicotomia entre conflitualidade e violência e o papel da polícia no controle social. **Revista Criminal: Ensaio sobre a atividade policial**. São Paulo, ano 02, v. 03, p. 139-152. Editora Fiuza, 2008.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. et. al. **Psicologia Social Contemporânea**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

ODALIA, Nilo. **O que é Violência**. 6. ed. São Paulo. Brasiliense, 2004.

PORTO, Maria Stela Grossi. Polícia e violência: representações sociais de elites policiais do Distrito Federal. **São Paulo Perspec.**, v.18, n.1, p. 132-141, 2004.

_____. Crenças, valores e representações sociais da violência. **Sociologias**, n.16, p. 250-273, 2006.

REINER, Robert. *A política da polícia*. Trad. de Jacy C. Ghirotti e Maria C. P. Da C. Marques São Paulo: EDUSP, 2004.

ROCHER, Guy. **Sociologia geral**. v. 2. Trad. Ana Ravara. Lisboa: Presença, 1971.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org.). **Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SKOLNICK, Jerome. BAYLEY, David. **Nova Polícia: inovações nas polícias de seis cidades norte- americanas**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.

SIMMEL, Georg. **A natureza sociológica do conflito**. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.) Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

STREY, Marlene Neves. **Psicologia social contemporânea: livro texto**. et. al. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SUSSUARANA, José, M. C. **Polícia – Origem da Palavra. Métodos – Evolução. Histórico da Polícia Militar do Distrito Federal.** 2000.

TAJFEL, H., e TURNER, J. C. **An integrative theory of intergroup conflict.** Em: W. G. Austin e S. Worchel (Org.). *The Social Psychology of Intergroup Relations*, Monterey, Brooks, 1979.

TAJFEL, H. **La catégorisation sociale.** Em: S. Moscovici (Org.). *Introduction à la Psychologie Sociale*, Vol. I, Larousse Université, 1972.

TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais: Estudos em Psicologia Social.** Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

_____. **Grupos Humanos e Categorias Sociais.** v. I e II, Lisboa, Livros, 1981-1983.

TEVES, N. Imaginário social, identidade e memória. Em L. M. A. Ferreira e E. G.D. Orrico (Org.). **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à Sociologia.** 5. ed. ver. e aum. São Paulo: Atlas, 2000.

WEBER, Max. **Conceitos Sociológicos Fundamentais.** *In:* Metodologia das Ciências Sociais. São Paulo: Cortez, 1992.

WIEVIORKA, Michel. **O novo paradigma da violência.** Trad. Ademir Barbosa Júnior. Tempo Social; Revista de Sociologia. USP: São Paulo.